



## III EREPEG

# Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para o Ensino de Geografia

Campina Grande – novembro/2016

## INSTALAÇÕES GEOGRÁFICAS

Autor

Dr. Emerson Ribeiro

Universidade Regional do Cariri-URCA

[emerson.ribeiro@urca.br](mailto:emerson.ribeiro@urca.br)

Co-autor

Dr. Antônio Carlos Pinheiro

[antoniocarlospinheiro@uol.com.br](mailto:antoniocarlospinheiro@uol.com.br)

Universidade Federal da Paraíba

Co –autor

Me. Guibson da Silva Lima Junior

[guibsonjuniorrk@hotmail.com](mailto:guibsonjuniorrk@hotmail.com)

Professor da rede municipal e estadual de João Pessoa

### Resumo

O presente trabalho expõe uma proposta desenvolvida pelo PIBID Geografia-UFPB em parceria com o Prof. Dr. Emerson Ribeiro do departamento de Geociências da Universidade Regional do Cariri-URCA. Objetivou-se nessa atividade a discussão e exemplificação do uso das Instalações Geográficas para o ensino de Geografia na educação básica. A atividade proposta se desenvolveu em etapas. Primeiramente através de um minicurso realizado na Universidade Federal da Paraíba, aos bolsistas, coordenadores e supervisores do PIBID, bem como a membros da pós-graduação dessa instituição. Após as discussões acerca tanto da metodologia quanto das características históricas e geográficas da cidade de João Pessoa, ocorreu o trabalho de campo realizado no centro histórico da Capital paraibana. Nessa etapa pode ser visto e discutido in loco uma série de fatores já apontados durante o minicurso, além de novas visões e discussões surgidas a partir da realidade. Por fim foi executada a construção das instalações geográficas, momento em que professores, funcionários e estudantes da UFPB puderam refletir sobre o espaço geográfico da cidade de João Pessoa.

Palavras chave: Instalações Geográficas; Trabalho de Campo, PIBID Geografia

## EXÓRDIO

O texto abaixo discorre sobre uma prática inserida para os alunos do PIBID de geografia, professores supervisores e alunos da pós-graduação da Universidade Federal da Paraíba. A prática realizada se insere no contexto e no cotidiano do centro histórico de João Pessoa, em que um campo como aporte didático e textos que abordaram o centro histórico no viés de uma leitura da paisagem histórico-geográfica.

De porte do conteúdo a ser estudado pode-se apresentar a metodologia com as instalações geográficas que foram realizadas na universidade em conjunto com os alunos, e também professores da rede estadual, sendo estes supervisores do PIBID.

Nesse texto não ocorre à necessidade de explorarmos a história e a formação geográfica da cidade de João Pessoa de forma mais detalhada, porém, alguns elementos da história nos situam quanto a sua produção urbana e cultural para o estudo da educação geográfica.

Atualmente esses espaços denotam outras configurações urbanas que se materializam culturalmente devido ao processo de reprodução de força de trabalho por meio do consumo, de ações políticas, e de como a sociedade é organizada no espaço, prevalecendo um comércio ao longo das vias principais e centrais, enquanto na periferia a desigualdade social prevalece como nas mais expressivas capitais brasileiras.

Para tanto, já foi constatado e verificado que a história permite desvendar a gênese da cidade e verificar a problemática da cidade, melhor que qualquer outra ciência. Mas inversamente, não há dúvida que o conhecimento sobre a realidade urbana possa incidir sobre o passado e não apenas sobre o acabado. Assim, outros elementos da ciência (parcelares) são necessários para compreender a cidade, Lefebvre (2001).

Para Moreira (2014, p.293) “A cidade que conhecemos no mundo é geograficamente um produto da revolução burguesa e o urbano um produto da revolução popular. É da cidade e sua cultura cidadina que a burguesia lança seus olhares e ideários de projetos políticos para o todo da sociedade a revolucionar-se”.

O que nos cabe a percorrer nesse texto é a leitura do espaço, as suas configurações e seus espaços de poder, de segregação, materializada em suas construções que derivam, nem sempre do centro para a periferia.

A leitura da cidade passa antes na sala de aula, pela paisagem a abordagem sobre o urbano, a cidade, o homem que habita a cidade de João Pessoa, a sua arte, cultura,

sociedade e seus elementos políticos que a compõem, são portadores da força de trabalho que cria a cidade, que a movimenta.

Nesse nosso caminho a sala de aula e o espaço da cidade são os nossos laboratórios são onde as práticas acontecem, refletindo sobre essa prática, a escola, o ensino, a aprendizagem, a avaliação e os alunos e como aproximar a realidade da sala de aula com o seu cotidiano, desenvolvemos como metodologia de ensino, as instalações geográficas.

O objetivo maior é levar a teoria o mais próximo da prática, de encontro com seu cotidiano, entendido o cotidiano esse da sala de aula, que perpassa as esferas do percebido, concebido e vivido (LEFEBVRE, 1991); que está presente no discurso oficial (concebido) do Estado; que se insere no currículo abarcando a realidade escolar, mas também, a universidade, muitas vezes criando conflitos e abrindo a possibilidade para as resistências, mudanças e transformação da sala de aula.

Para que ocorram essas mudanças e transformações nas escolas, nas salas de aulas é preciso alterar e criar novas metodologias de trabalho, apresentando aos alunos em formação universitária e professores em constante formação, a possibilidade de outra linguagem que abarque não somente as disciplinas do corpo pedagógico, sobretudo, do corpo teórico técnico, modificando o paradigma do processo de ensino aprendizagem.

Como romper com o que está posto? Como modificar a sala de aula? Como formar novos professores para esse mundo em desassossego? Se o aluno que está em formação na universidade não tiver experiências que o levem a realizar novas metodologias para o ensino e outro processo de avaliação para a aprendizagem, a criar e formar novas linguagens pedagógicas, dificilmente irá transformar a sala de aula.

A formação desse novo aluno/professor passa como já dissemos por novas linguagens, por outra formação, com a qual a arte/geográfica, e impreterivelmente a criatividade, que na visão do professor pesquisador é uma grande aliada, com o intuito de desenvolver o trabalho com as instalações geográficas.

Para compreendermos essa metodologia com as instalações geográficas, a linguagem exercida no texto, tende a passear pela poesia, arte e a geografia. É preciso, no entanto, romper sem perder o rigor acadêmico, necessário para apresentar a metodologia com as instalações geográficas.

O termo instalação, portanto, passou a ser incorporado ao vocabulário das artes visuais na década de 1960, designando ambiente construído em espaços de galerias e museus, prioritariamente, para mais tarde ganhar as praças, parques e as ruas públicas.

Para o ensino de Geografia definimos a **Instalação Geográfica** como uma forma de representação de um conteúdo geográfico pesquisado e trabalhado criativamente com signos e símbolos aplicado sobre materiais produzidos ou não pelo homem. Essa instalação pode ser montada na escola/universidade ou para além de seus muros atingindo uma dimensão social (RIBEIRO, 2014).

A Instalação também é uma forma de expressão artística e geográfica, que trabalhada no Ensino de Geografia, integrada aos conceitos geográficos e ao currículo, pode apresentar como um eixo importante para processo de avaliação de ensino e aprendizagem.

Para que a geografia escolar e os processos de ensino e aprendizagem se realizem na escola é necessário que o professor em formação compreenda que o espaço geográfico é produzido pelo homem e que a história da arte traz contribuições para o entendimento e desenvolvimento da humanidade que produz e apresenta-se no espaço.

Em analogia ao espaço e a geografia, os alunos passam a contextualizar esse questionamento dos processos de relação de produção do espaço e da sociedade com olhar crítico, graças ao procedimento da avaliação construtiva que tem como uma das premissas a pesquisa objetiva e real, fazendo o uso das instalações.

O termo instalações (RIBEIRO, 2014) para o professor pesquisador tem ainda o sentido de dar forma a algo ou materializar o conteúdo estudado, pesquisado, por signos e símbolos conhecidos, com o objetivo de apresentar e expressar algo, sentimento, sua visão de mundo, crítica aos paradigmas, é uma forma de expressão artística, que atende no nosso caso, um conteúdo geográfico.

### ***Os primeiros passos***

Nesse fio de raciocínio, mostraremos aqui de forma lacônica como se dá o processo, o caminho para trabalhar com as instalações geográficas de forma didática.

Num primeiro momento a partir de um conteúdo geográfico; Num segundo momento partimos para a produção de uma pesquisa, sobre a qual é elaborado um primeiro texto sobre o assunto abordado e apontando também o que irá ser materializado na instalação; O terceiro momento acontece quando em decorrência da pesquisa é gerado um debate na sala de aula determinando o material a ser configurado com o conteúdo em estudo; Para que num quarto momento, em uma data específica a

instalação seja montada pelos alunos e professor para exposição e após a apresentação é desmontada e finalizada, com a produção de um novo texto sobre todo o processo (RIBEIRO, 2014).

**Relato de experiência-** No ensino básico e com algumas exceções no ensino médio e universitário, o professor lança a ideia do material a ser realizada a instalação, mas pode partir dos alunos **a ideia do material**. Novamente devo frisar depende da conduta do professor.

Após, portanto, a execução do trabalho, e isso só ocorre com a pesquisa realizada pelos alunos sobre o conteúdo estudado e após a instalação os alunos elaboram um relato descrevendo a experiência que tiveram com o trabalho, bem como sobre o conteúdo aprendido.

\* **A ideia** apresentada, tendo, a maior parte dos alunos, arrumado seu material, o professor começa a trabalhar os elementos que poderão dar corpo à instalação.

Para o nosso trabalho na UFPB ficou estabelecido uma lata de 18l e fotografias tiradas no centro histórico.

\* **O ponto crucial** em sala quando o professor explica a necessidade de uma pesquisa (do conteúdo que vem sendo estudado) para se efetivar a instalação e a apresentação. Os alunos novamente indagam: “-- Pesquisa?”, “-- Sim!” - diz o professor “-- É necessário pesquisar para poder compor o material escolhido!”.

Salientamos que o professor já deve estar trabalhando com os conteúdos. E durante essas aulas que abordam estes conteúdos, é importante frisar que o professor deve dar exemplos de como se pode pensar em materiais que podem representar o tema.

A importância do professor nessa tarefa é conduzir o alunado, interferindo o mínimo possível no seu processo criativo.

\* **O dia da apresentação** deve ser uma data bem planejada pelo professor, agendada com antecedência, destacando o local e de que forma será realizada a instalação geográfica. Se a apresentação ocorrer na escola/universidade, o tempo de preparo é diferente das que forem realizadas fora da mesma.

Na escola/universidade o público é conhecido. Portanto, é necessário apenas indicar aos alunos onde será montada e exposta a instalação. Pode até ser inserida numa festa da unidade escolar ou num projeto. Pode também ser aberta ao público em geral. É necessário definir a hora de início e fim da apresentação.

\* **O dia seguinte**

Após a apresentação, os alunos já estão sabendo que a próxima aula eles devem trazer o texto refeito sobre as instalações e as impressões do público. São analisados os pontos positivos e negativos de todo o processo, se o conteúdo foi atingido, o material passou a mensagem adequada, e o que eles acharam da atividade como um todo. Se o professor notar que faltou algo quanto ao conteúdo este deve ser retomado para melhor aproveitamento por parte dos alunos.

Expusemos aqui de forma resumida os procedimentos metodológicos para a realização de uma instalação geográfica.

### **A obra**

Esse minicurso foi apresentado aos alunos do PIBID, professores supervisores e alunos da pós-graduação, durante o curso traçamos em conjunto o roteiro para o campo, o qual se realizou no centro histórico de João Pessoa.

Após a saída a campo os alunos registraram em fotos a paisagem, dos locais visitados, na universidade esses dados foram sistematizados para pensar em signos e símbolos a instalação geográfica.

Iremos relatar agora os elementos que deram sustentação para a construção da obra.

A aula de campo se deu no dia 17 de maio com as presenças dos alunos do PIBID e da pós-graduação, os professores supervisores bolsistas das escolas, com acompanhamento do professor Supervisor Antônio Carlos Pinheiro.

O roteiro se deu no centro histórico de João Pessoa com o intuito de realizar registro fotográfico, utilizamos a categoria paisagem e compreensão da organização e produção do espaço geográfico, assim, como o patrimônio histórico presente nas igrejas e casarões e praças da cidade de João Pessoa.

Abaixo iremos abordar os registros de dois alunos que compõem as pesquisas de campo e conseqüentemente resultaram nas instalações geográficas. Os textos abaixo são apresentados na íntegra pelos autores.

*“Regala*

#### ***Trabalho de Campo***

*São Francisco, Casa da Pólvora, Praça Rio Branco e Praça dos Três Poderes.*

*No dia 17 de maio foi realizado o trabalho de campo, que foi parte da oficina de Instalação Geográficas ministrada pelo professor Emerson Ribeiro. Seria para analisarmos a paisagem através de fotografia, nela poderia ser identificado o presente, o passado, o futuro, as rugosidades e também a “degradação” da mesma.*

*Eu de forma mais crítica inicialmente decidi analisar a paisagem através da degradação, essa levando em conta do lixo deixado e as “pichações” pelas pessoas que passam ou frequentam o*

espaço. Escolhi esse detalhe para intervenção, pois no primeiro instante que observei, a igreja São Francisco, foi o que me chamou mais atenção. Mas ao observar as fotos vi certas estranhezas e curiosidades que em um primeiro momento passaram um pouco despercebidas, Não posso deixar de lado para falar sobre os lixos e a degradação através de escritas nas paredes e azulejos desses monumentos históricos. Pode-se dizer que pessoas que chegam ao ponto de fazer esse tipo de atrocidade contra o seu passado é não o conhece, não sabendo assim de como se deu a construção da sua história.

Mas apesar do olhar crítico e atencioso para esse fato outra coisa também me chamou atenção, como já dito anteriormente, foram às estranhezas na paisagem. As igrejas sempre foram tão grandiosas em estrutura e se observadas elas sempre foram construídas de forma que não se soubesse o que ocorria dentro delas. Ai me vem na cabeça à pergunta, por que motivo teria um buraco tão grande em uma porta? Será que é original do período da construção ou foi modificado depois? Se for modificado depois podemos dizer que é uma degradação da paisagem?

Outra coisa observada foi no sentido das cerâmicas, sempre foi tudo tão pomposo, tão delicado, será que essa estranheza vem da época da revitalização? Será que não se tinha o cuidado com o espaço? Mas esses fatos ocorreram dentro da igreja, um lugar que é mais fiscalizado e vigiado, onde também não se teve o cuidado para com as cerâmicas, que se encontram rachadas e descascadas.

No final eu vi que a degradação não se dá só com o lixo e as pichações, também podem estar em pequenos detalhes, que achamos que é “natural” da construção, mas não é.

1-A porta



Autora: Regala, 2016.

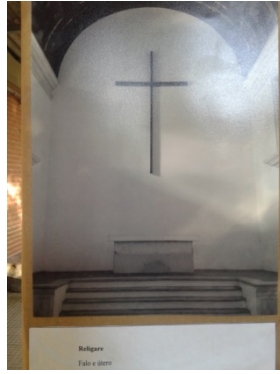
### **Mayara – Escolha das imagens e minha percepção dos elementos que compõe a paisagem na foto**

#### **Título para as fotos: Salvação para quem?**

Como sabemos a religião se faz presente tanto no mundo contemporâneo como também atuou no passado, principalmente na história da nossa civilização. Ao visitarmos o centro histórico da nossa cidade, atual João Pessoa, podemos observar na composição da paisagem muitas igrejas antigas e que são preservadas e conservadas historicamente. Onde em seu interior estão conservadas diversas formas de épocas diferentes, com estilos, por exemplo, o Barroco. Sendo a paisagem formada por tudo aquilo que nossa vista alcança, não apenas formada de volume, mas também é o conjunto de cores, movimentos, odores, sons e etc., nota-se que no interior desses monumentos arquitetônicos o silêncio domina a cena, e as cores se misturam, com o ar de mistério sobre as histórias que estão guardadas nas paredes e tetos da igreja.

Para o bem ou para o mal, a religião tem grande influência em nossa cidade desde a sua formação, que se deu às margens do rio Sanhauá. Ao meu ver, a religião tanto uni, quanto separa, segrega e exclui as pessoas, e isso se deu na formação do nosso povo, portanto diante da cruz que aparece nas duas fotos, fica a pergunta: diante dos homens, salvação para quem?”

2- A cruz



*Autora: Mayara, 2016.*

A simbologia apresentada na foto 1 tem como signo pensado pela aluna como “o orifício religioso” formas geométricas que remete não só a religião mas a uma passagem. O tema veio a aluna depois da discussão e apresentação e intervenções do grupo no que chamamos teia de ideias.

A foto 2 que representa a Cruz foi pensado com a simbologia que remete a procriação, “o falo e o útero” .

Os dois textos acima são relatos de pesquisa do campo, onde os alunos exercitaram a análise da paisagem, construída pelo homem e modelada pela natureza, em que os resíduos do tempo alcançam elementos da história, perpassando a política, economia, cultura de um dado lugar.

Salientamos que durante o minicurso foram trabalhados textos que trataram da história e da geografia de João Pessoa, artigos, assim, como textos que tratam da paisagem por autores da geografia, abordagem sobre o campo e procedimentos para a construção do roteiro, abordagem didática, e de avaliação.

O que temos é a produção de um espaço representada na análise da paisagem, usando da metodologia com as instalações geográficas os alunos no encontro seguinte trouxeram os textos, suas pesquisas, para o debate em sala de aula, os textos são uma referência ao campo e ao estudo do centro histórico, e por meio de símbolos e signos tinham como apontamentos as fotos escolhidas para a representação do centro histórico de Joao Pessoa.

Para as instalações geográficas professores e alunos tiraram uma data para a apresentação, assim como, o material a serem expostas, as ideias manifestadas na Teia de Ideias, onde os alunos e professores concebem as ideias finais para a materialização das instalações geográficas. O material escolhido ficou:

- Uma lata de 18l;

- Barbantes para fixar a lata;
- Fotografia e a manifestação criativa para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem.

Abaixo exemplos dos trabalhos expostos.

3-Instalação geográfica realizada no pátio da Geografia UFPB.



Autor: Ribeiro, 2016

4-Instalação geográfica realizada no pátio da Geografia UFPB.



Autor: Ribeiro, 2016

### **A gênese.**

A metodologia aplicada se insere no contexto atual de renovação e transformação da sala de aula, a necessidade de encontrarmos um método passa primeiro pela metodologia.

As instalações geográficas como metodologia leva o aluno (a) a um processo de criação, esse processo de criação inicia a partir da pesquisa objetiva e real, que se transforma em símbolos e signos dando significados a obra criada pelo aluno (a).

Para o professor essa criação como processo também, é uma avaliação, a avaliação passa a ser construtiva, pois os alunos e todos os envolvidos constrói o conhecimento numa aplicação dialética.

Essa metodologia inserida junto aos alunos da UFPB teve como satisfatória a sua aplicabilidade junto aos envolvidos, todos os passos foram realizados, debatidos numa leitura dialógica que se segue; a pesquisa, o estudo do meio, textos, materiais para a criação, a estética, o lugar da apresentação, as fotos, os símbolos e signos, que resultou na apresentação das Instalações Geográficas.

#### Bibliografia

LEFEBVRE, Henri. O direito a cidade. São Paulo: Centauro, 2001.

MOREIRA, Ruy. A formação espacial brasileira: contribuição crítica aos fundamentos espaciais da geografia do Brasil. 2 ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2014.

RIBEIRO, Emerson. Processos Criativos em Geografia: Metodologia e Avaliação para a Sala de Aula em Instalações Geográficas. Tese apresentada ao Departamento de Geografia Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.